

Academia Barcellense

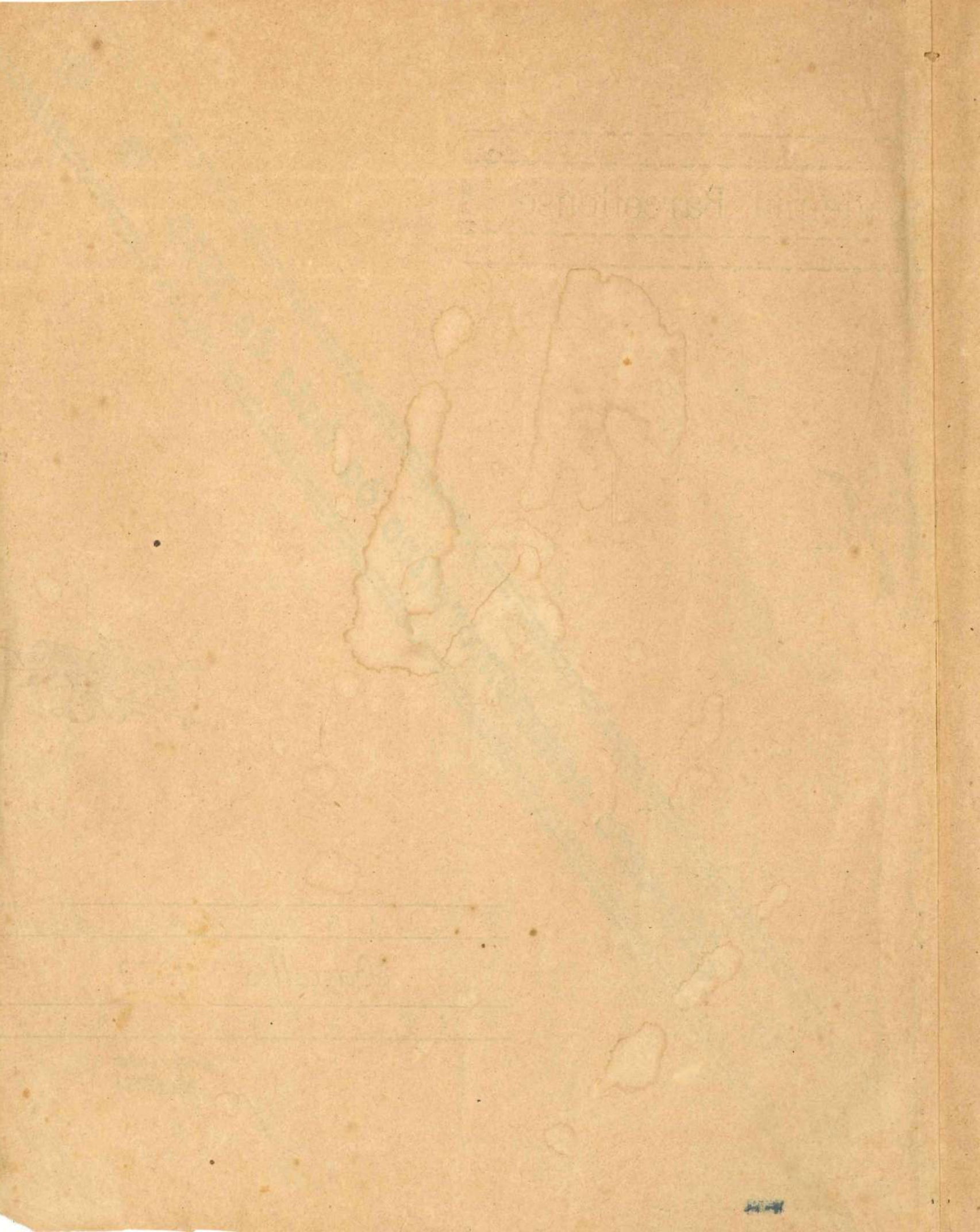


Numero commemorativo da data de 1640



Barcellos — 1902

MUNICIPIO DE BARCELLOS
BIBLIOTECA



de Silva

Antonio

SUMMARIO

- «Fragmentos de Historia», A Commissão—«Uma nova era», João da Rocha
«Aos Novos», Placido Lamella—«1640», Padre A. Cunha—«Valor social da festa de hoje», Luiz de Novaes
«1.º de Dezembro de 1640», Teixeira de Vasconcellos (Antonio)—«Patria», Arthur Vieira
«Fama Portugueza», Abbade Antonio Paes—«Liberdade e Independencia», Gonçalo d'Araujo—«1.º de Dezembro de 1640»,
J. J. Vieira Ramos—«O 1.º de Dezembro», Ladislau Patricio—«Os de hontem e os de hoje», Manoel Novaes
«Post pluviam sol lucet», Ferreira Braga—«(Carta)», José Caldas
«Portugal antigo e o d'hoje»,—Miguel Fonseca—«O 1.º de Dezembro de 1640», J. G. Paes de Villas-Boas
«Preito ou lucto?», Souza Martins—«Surrexit!», Padre Joaquim Miranda—«1.º de Dezembro de 1640», M. J. Nunes Pereira
«Historia triste», A. Ferraz—«I—XII—MDCXL», Illydio Nunes—«Salvé», Antonio de Azevedo—«Considerações»,
Herculano Nunes—«Bem hajas, Mocidade!», Arthur Esmeriz—«1640», Alves de Faria—«Reminiscencia», Arthur Vieira
«(Carta)», Martins Lima—«Pro patria!», Arnaldo Braz.
«1.º de Dezembro de 1640», Antonio Fernando Miranda da Silva—«Saudação á Patria», Albino Leite
«De Alberto Malheiro»—«Quam dulcis est libertas», Avelino Ayres Duarte—«O 1.º de Dezembro de 1640», Virgilio Esteves

Aos exc. mos snrs. que tão gentilmente accederam ao convite que se lhes fez para a collaboração d'este numero, agradece reconhecidissima

A Commissão.



1798

1884

1640

1.º de Dezembro

BARCELLOS—1902

Fragmentos de Historia

Em 1570, reinava em Portugal um mancebo, arrebatado sonhador de vinte annos, que phantasiava na sua louca imaginação a conquista de um grande, de um colossal imperio! Julgava-se um general experimentado, dispondo de todos os conhecimentos da arte militar, para facilmente conseguir conquistas e victorias que adornassem de louros a sua regia corôa, aquelle insensato aventureiro—um arrojado visionario que tinha a pulsar-lhe nas veias uma ardente febre de guerras, de luctas! E ainda para lhe excitar mais as suas loucuras, os seus desatinos, tinha no paço um grupo de cortezãos ambiciosos, que lhe lisonjeavam calorosamente as suas vaidades guerreiras e arrebatamentos desvaírados!

Um dia, esse homem quiz experimentar o fragor da guerra; e lá embarcou para Marrocos com alguns dos fidalgos lisonjeadores, sem dizer á nação, sem dizer ao seu povo p'ra onde ia nem o que ia fazer.

O povo andava triste, esmorecido. Aparecera no ceu um cometa de sinistras fórmas. Não faltava quem disesse ser signal certo d'uma immensa, d'uma irremediavel desgraça.

Por fim, a 4 de agosto de 1578, no campo ardente de Alcacer-kibir, sob um sol esbrazeador e a terra fumegante, deu-se o triste epilogo d'este lugubre começo de tragedia. O nosso esfrangalhado exercito, apenas uns vinte mil homens commandados por um pobre louco, um arrojado inexperiente, fôra completamente derrotado pelas forças poderosas de *Muley-Moluco*—perto de 200:000 homens, bem experimentados e munidos de abundante material de guerra.

E lá ficára, entre os mortos ou prisioneiros, o louco sonhador d'imperios e conquistas.

Passára a corôa para um velho Inquisidor—um padre decrepito, inculto e fanatico!

Foi a 29 d'agosto do mesmo anno a sua coroação. A 25 d'agosto do anno seguinte travava-se a lucta entre as miseraveis e minuscultas tropas de D. Antonio,—um pequeno exercito de bisonhos maltrapilhos—e as fortes e bem organisadas forças do Duque d'Alba—para cima de vinte mil homens, bem armados e equipados!

Deu-se a batalha; ainda os nossos tiveram uns lampejos de esperança com a derrota que no principio infligiram aos inimigos. Mas depressa se lhes desvaneceu. Aquillo tinha sido apenas um lance do combate. D'ahi a pouco, já o Duque d'Alba invadia victoriosamente o territorio portuguez. Não tardou a ser rei de Portugal, Filipe II d'Hespanha.

Foram então 60 annos de penoso captiveiro.

Um dia, a nação, despertada do apathico marasmo em que se encontrava, proclamou-se livre e independente—revoltada á voz de meia duzia de patriotas. Era o dia 1.º de dezembro de 1640.

E ainda hoje, que tres seculos são passados, Portugal se curva reverente ante o glorioso patriotismo dos seus heroicos ascendentes!

A Commissão.

UMA NOVA ERA

E' agradável reviver em mente o passado, quando elle foi grandioso e heroico, e o passado de Portugal foi um dos mais heroicos do mundo. Sob o ponto de vista material do commercio e da industria e ainda sob o mais alto plano da especulação metaphysica, pôde-se dizer que uma grande parte da civilização moderna decorre dos grandes descobrimentos maritimos dos portuguezes dos seculos XV e XVI. São pois gloriosissimos os pergaminhos do fidalgo Portugal.

Mas os tempos mudam; e a vida moderna é democratica. Sobre os terrenos descobertos outrora á custa de mil aventuras e a dentro das povoações, conquistadas a ferro e a fogo, sob cujo solo tantos esforçados batalhadores repousam, vão os industriaes construindo as suas officinas e os negociantes armando os seus balcões. Tanto na vida dos povos como na dos individuos, os fidalgos que se enconcham na tradição e gastam o tempo, voltados para o passado, na contemplação dos seus gloriosos pergaminhos, sem cuidarem em que a existencia nao é um equilibrio mas um movimento, nao é um extase mas uma lucta, ficam afinal vencidos pelos barbaros plebeus que com suas mãos rudes e firmes vão conduzindo, para edificios futuros, as pesadas cargas de material que o seu tempo exige e que as mãos finas e trémulas dos contemplativos aristocratas muito a custo logriariam empurrar. D'ahi, a decadencia triste da nossa raça.

Em 1640, a Hespanha era ainda uma nação formidavel e dominava no mundo pesadamente, com o seu estreito despotismo e a sua feroz Inquisição. Mas já Portugal enfraquecia. A revolta dos nobres de Lisboa, que o plebeu Pinto Ribeiro aconselhava, foi um heroico e esforçado feito. Licito, e louvavel, é recordal-o com respeito, e saudade, e imital-o consoante as differenciações que a época requer. Todavia (e des-

culpem-me a rudeza d'estas palavras francas, cuja intenção é honesta) a commemoração de tal data pelos estudantes portuguezes não devia ser apenas esse mixto esteril de latin liturgico com sarau litterarios que ha annos se observa em nossas terras de provincia. Outra coisa ha ainda a fazer, mais enérgica e util.

A mocidade deve erguer os olhos dos seus compendios e meditar, sem preconceitos de vaidade, sobre a vida nacional. Acaso não saberá, a generosa mocidade, que Portugal está morrendo? Ai de nós todos, que Portugal está morrendo! D'onde lhe virá soccorro? Que medicos se sentarão á beira do pobre catre, na empenhada choupana onde esse descuidado proprietario de tão bellas quintas soffre a penuria e a doença? Quem lhe dará, além de medicinas, armas e energias para lutar ainda e vencer, se isso fôr possível? Não vejo ninguem que possa cuidar n'elle com mais amor e carinho do que os seus proprios filhos e d'estes, por selecção, os que devem ter mais esperanças por disporem de um futuro maior e armazenarem mais forças, os novos, os estudantes.

Ora nem as supplicas nem a rhetorica farão, decerto, reanimar o organismo apathico do aventureiro navegador. Bem se importa já o velho com tudo isso! O que é preciso é olhar em roda, estudar essas nações plebeas (Estados Unidos, Australia, Inglaterra, Russia, etc.) que passam na estrada trabalhando sempre, e, como consequencia de tal estudo, suggerir ao doente uma nova maneira de viver.

Mudar de vida, eis a questão. E' um esforço supremo a tentar, quasi uma resurreição. E' esse esforço consiste em transformar por completo a nossa educação em todos os seus ramos, de modo a tornar livres a consciencia e a iniciativa individuaes (pois que o não são), acabando assim com esse collectivismo de Estado que cada vez mais vae enleando as decadentes raças latinas da Europa e da America. Como já disse, aos estudantes de hoje compete começar a trabalhar em tal sentido, visto que d'elles sairão os dirigentes politicos de amanhã, unicos que poderao modificar (quando não seja tarde demais) este pernicioso estado de coisas que nos conduziu á banca-róta e nos fará perder em breve, se os novos nada fizerem, a integridade nacional.

O organismo fatigado, desde que lhe apontem um objectivo a attingir e o saibam ajudar, erguer-se-á do catre e, pois que foi outrora um luctador, luctará ainda tanto quanto fôr possível, luctará até cair como heroe, de pé e á luz gloriosa de uma campanha, e não de cama como uma fraca mulher invalida ou um inutil velhinho trôpego.

João da Rocha

Aos Novos

*No coração alegre dos rapazes,
Na sua alma, que é feita de luar,
Ha sorrisos, ha rosas, ha lilazes,
Manhas primaveris a despertar.*

*Nos seus nervos sensiveis, contumazes.
No seu sangue, que é a vida, a borbulhar,
Ha esp'ranças sem fim, e tão falazes,
Que quasi nunca as podem alvejar.*

*Quem me dera voltar a essa idade
Em que a vida se passa em illusões! ...
E não saber o que é a realidade!*

*Vivendo como a ave em liberdade,
Não tendo a cumprir obrigações! ...
Quem me dera voltar á essa idade!*

Barcellinhos, 24—11—902

Placido Lamella

—1640—

Volvidos são 262 annos sobre essa data memoranda, unica nas paginas da nossa historia a demonstrar o quanto pode o Sacrosanto amor da Patria em corações de verdadeiros portuguezes.

Esse luctuoso decorrer de 60 annos, em que Portugal foi acorrentado a uma tyrannia torpe, aviltante e oppressora, não conseguiu apagar o traço indelevel de inconcusso valor, grandeza e prosperidade, que fruiu na epocha em que os seus filhos sulcavam os—*mares nunca d'antes navegados*.

O echo das suas conquistas repercutira-se de continente em continente, indo expirar atravez dos ultimos confins da Oceania.

Foi demasiado grande para succumbir sem um protesto.

Volveu os olhos ao caminho percorrido; contemplou as difficuldades superadas no seu passado de glorias; refez-se-lhe o animo, sentiu uma firme confiança e n'um invencivel impulso, proclama-se livre, assombrando os povos do mundo.

Barcellos, 24—de novembro.

Padre A. Cunha

VALOR SOCIAL DA FESTA DE HOJE

A razão de ser da existencia das **nações** vem preocupando, desde longe, os publicistas.

Uns querem encontral-a na historia, na linguistica, na anthropologia, na geographia politica, na ethnographia e na ethnogenia.

Outros veem, apenas, na existencia das **nacionalidades**, uma simples manifestação collectiva da **liberdade**, applicada ao desenvolvimento das sociedades organicas dos individuos, que as constituem.

Um publicista moderno e dos mais cotados, Leroy-Beaulieu, considera a **consciencia popular** como o melhor indicadôr da organização nacional e como o mais importante factor das **nacionalidades**, antepondo-a a todos os elementos geographicos, historicos, ethnographicos e linguisticos, que—diz elle—*«fóra da consideração e da consciencia dos povos, e em contradicção com ella, dão obra de violencia e de regressão ao velho direito de conquista»*.

Um povo—como o nosso, apenas separado por circumstancias historicas, que, assim, rememora e celebra as suas datas mais gloriosas, e que tanto se orgulha das tradições dos seus maiores e tem a peito honrar-lhes o nobre e luminoso exemplo, na defeza, intransigente e ciosa, da sua autonomia, na consolidação das modificações ethnicas, que o tempo e o meio geographico e climatologi-

co lhe teem ido imprimindo, e n'essa, como que religiosa, transmissão de paes a filhos da sua fê e levantados ideaes politicos, esforçando-se por affirmal-os e mantel-os, com altivez e dignidade, pelo trabalho afanoso em todos os campos, que a sciencia e a vida moderna offerecem á intellectualidade e á actividade humanas—um povo, assim, fortemente agrupado e organizado, não pertence a uma **nacionalidade** que se desagrega, prestes á extincção final, que um **pessimismo exagerado** para ahi lhe prognostica.

Pelo contrario, vive e affirma victoriosamente, a sua existencia e impõem-se, pela manifestação poderosa da **consciencia publica** e pela consagração das suas mais generosas aspirações, ao respeito e á consideração das **nacionalidades** de maior preponderancia no equilibrio social.

Eis a grande e patriotica significação da festa de hoje.

Luiz de Novaes

1.º de Dezembro de 1640

Mais de 200 annos perpassaram sobre a Revolução de 1640, em que uns tantos portuguezes, de coração generoso e nobre, hallucinados pela gravidade do momento historico, feridos na honra e nos seus interesses, plantaram com as suas armas, n'uma gloriosa épopeia de abnegação e de audacia, a arvore frondosa da Liberdade n'esta leira abençoada.

Essa arvore fructificou, ramificou-se, mas, ha muito, teria cahido por terra aos golpes mortaes dos algozes inimigos da Patria e dos que pretendem dar um passo na senda do progresso, se os seus verdes ramos não tivessem agazalhado milhões de filhos predilectos, que a ampararam e defenderam, luclando e regando as suas raizes com o proprio sangue das veias.

Foi uma memoravel manhã aquella, madrugada limpida e sorridente, que cahiu sobre a historia em paginas de ouro, esplendor e gloria!

Mas toda essa gloria morreu, assassinada pela acção nefasta de governos desorientados e dissipadores.

Desta pobre nacionalidade pouco mais resta do que escombros!...

As paginas mais epicas da nossa historia, todo o nosso passado glorioso foi enlameado e conspurcado por muitos homens que na devassidão politica obtêm grandes vantagens, contra os mais legitimos interesses do paiz e contra a dignidade de todos os portuguezes, dignos deste nome.

Hoje esbanja-se, desbarata-se, maltrata-se o decóro civicó, ludibriam-se os intuitos honestos, falsifica-se a dignidade alheia, pratica-se tudo o que é crime, viola-se tudo o que é considerado direito.

E o povo inerte e indifferente, esquecendo criminosamente as suas gloriosas tradições, repu-

diando o passado em que foi grande pelo patriotismo e pela arreigada fê, deixa assim, cobardemente, cahir os braços ante a sofreguidão dos ambiciosos e a sêde de gloria dos enfatuados conspurcadores da Patria.

A isto chegou o paiz, onde se sacrificaram tantas vidas, que combateram lealmente, honradamente, pela causa da nossa Liberdade e Independencia.

Esfolhamos o livro do passado, vemol-o iriado de alegrias e de aventuras, e choramos loucamente, sandosamente!...

Olhamos o futuro, atravéz da lente da esperanza, oppõe-se a obscuridade, mas julgamol-o um arraial de dôres, e nem chorar podemos!...

Por isso, o maior testemunho de affecto que poderemos offerter aos heroes de 1640, a verdadeira commemoração, consiste em commungar na sinceridade das suas crenças e do seu patriotismo, dando fim á obra que elles prefaciaram, tornando definitiva a conquista da Liberdade.

Coimbra, 902.

Teixeira de Vasconcellos (Antonio)

PATRIA!..

(Sobre a Restauração)

Patria que morre, que ressuscita,
Tão valorosa, tão pequenita!...

Ditosa Patria!

Quem vive e pensa, que, ao ler seus feitos
Pelos guerreiros de ardentes peitos,
Não idolatre-a?!...

Almas potentes, a mocidade
Cheia do fogo, virilidade

De patriotas;

A' Patria morta dá os seus pulsos,
Por onde gira sangue de impulsos
D'eras remotas.

E a Patria augusta, velhinha e santa,
Santa e velhinha, logo levanta,
Viva, a cerviz.

Olhando os mundos, o rosto expande.
Sente, na campa, sorrir-se o grande
Mestre d'Aviz.

E o ledo assombro do seu olhar
Traduz-se em obras, n'um pelear
De vivo ardor.

Vingam pequenas conjurações,
Curvam-se os mundos; temem nações
Um tal valor!

Mãe carinhosa de tantos filhos,
Os jovens d'hoje seguem os trilhos
Dos avós seus.

Não n'essas guerras hostis, letaes,
Mas nas escolas, que sao fanaes
De luz dos céos.

Patria que morre, que ressuscita,
Tão valorosa, tão pequenita!...

Ditosa Patria!...

Quem vive e pensa, que, ao ler seus feitos
Pelos guerreiros de ardentes peitos,
Não idolatre-a?!...

Barcellos

Arthur Vieira.

Fama Portugueza



Fizeram cavalleiros n'esta empreza
Mais affirmando a fama Portugueza.

Luziadas, canto IV est. LVI.

Não queremos incitar odios nem provocar animosidades hostis; mas temos todo o direito para dizer bem alto,—que os Leões de Castella nunca lograram vencer as Quinas Portuguezas; e que n'esta facha de terra, que se estende ao correr do oceano, ha pulsos de aço e braços de bronze, que sempre souberam repellir com assombroso heroismo e provadissima valentia as investidas de soffreguidões estranhas e de invejas insoffridas; e se a Hespanha chegou a dominar Portugal, pela insidia, pela hypocrisia e pela traição, um punhado de cavalleiros portuguezes foi bastante para a pôr d'aqui fóra, para lá das fronteiras, em o dia Primeiro de Dezembro de 1640—, ha duzentos e sessanta e dous annos:

•Fizeram cavalleiros n'esta empreza
•Mais affirmando a fama Portugueza.

S. Martinho de Alvito, 23—11—902.

Abbate Antonio Paes



LIBERDADE E INDEPENDENCIA



Salvé! 1.º de Dezembro de 1640.

Data memoravel, dia festivo para todos os portuguezes que ainda conservam e comprehendem o tão nobre como levantado sentimento do amor da patria.

Os feitos heroicos, os rasgos d'um patriotismo incomparavel, a sua missão altamente civilisadora, um poeta como Camões, um guerreiro forte e audaz como Affonso d'Albuquerque e innumerous outros, são os sagrados emblemas que constituem em linhas d'ouro as paginas da historia d'um povo chamado portuguez, o qual, ferido na sua honra, desviado dos seus interesses e sobretudo sujeito ao barbaro e cruel dominio de outro povo, fez seguir um combate a outro combate, uma victoria a outra victoria, conseguindo tornar em realidade o que havia pouco era um irrealisavel sonho, um quasi intangivel ideal.

Liberdade e independencia!...

Laigás são, porém, as consequencias d'esta epocha.

O povo portuguez, forte, valoroso e crente, ainda hoje conserva algumas reminiscencias dos seus heroicos antepassados.

Porque a força, que era o unico obstaculo que se nos podia oppor, se tornava impotente em mais

de um recontro, e a bandeira d'Aljubarrota desfraldada ao sol de Montijo e linhas d'Elvas, se provam aos tibios e aos incredulos que n'esse tempo se sabia combater, tambem agora se mostra ás modernas nações que entre nós ainda existin quem não menos mal substituísse os nossos avós.

O Grande Monzinho d'Albuquerque procurou salientar d'uma maneira brilhante e admiravel as quinas da nossa bandeira, que sempre tem sahido victoriosa da incessante lucta.

Porem, agora, o povo portuguez parece precipitar-se em carreira vertiginosa para o seu irremediavel enfraquecimento.

Porque as crenças, os sentimentos, a heroicidade, emfim, todo esse complexo de virtudes que nos eram proprias, tendem a desaparecer.

E' bem triste dizel-o, mas não é só de extrema necessidade, é caso urgente, pugnar braço a braço, peito a peito, por um novo systema de *modus vivendi*—seja uma nova revolta uma outra acclamação.

A Independencia, a Liberdade!...
Coimbra, 21—11—1902.

Gonçalo d'Araujo



1.º de Dezembro de 1640



Deve ser sempre grato e consolador ao coração de portuguezes rememorar esta gloriosa data, porque regista ella um feito heroico e patriótico, que illustra a nossa historia.

Póde haver divergencia de opiniões quanto aos effeitos e alcance politico do acontecimento. Mas ninguem poderá deixar de admirar a coragem e o amor patrio d'esse valoroso e arrojado grupo de portuguezes que sacudiu a oppressão e dominios de estrangeiros, restituindo-nos ao rutilante sol da liberdade e da independencia.

Do modo como os barcellenses se houveram n'essa epocha, temos eloquente testemunho, na Carta de el-rei D. João IV, que passo a transcrever:

«Juiz e Vereadores e Procuradores da camara da villa de Barcellos. Eu El-Rei vos envio muito saudar.

D. Gasção Coutinho, meu Capitão-General d'essa Provincia, me deu conta do amor e fidelidade com que os moradores d'essa Villa acodem a meu serviço, do que estou com a devida satisfação, e parece-me dizer-lo por esta carta, para que o tenhaes entendido, e o signifiqueis a todos da minha parte, e que heide ter viva lembrança de tão bons vassallos, que estimo tanto, para folgar de vos fazer favor e mercê em commum e particular nas occasiões que se offerecerem, conforme ao merecimento de cada um. Escripta em Lisboa a 4 de Fevereiro de 1641.»

REI

Como portuguez e como barcellense, rejubilo com a commemoração de tão nobre data.

Barcellos, 1902.

J. J. Vieira Ramos

0 1.º de Dezembro



Uma data igual á do 1.º de Dezembro que lembre um facto como o que se deu no mesmo dia do anno de 1640, fica gravada na memoria d'um povo como o primeiro beijo d'amor dado por um rapaz de vigorosos 16 annos na frente virgem da sua unica namorada!... Não morre a ideia d'esse beijo, por mais beijos que se lhe sigam—nenhum facto ficará mais indelevelmente marcado na Historia Portugueza, embora se lhe continuem outros do mesmo valor.

Não sei o que é o primeiro desabafo, o livramento d'um pesado jugo! Se nós pódéssemos recordar o que os nossos olhos sentiram a vez primeira que viram a luz do sol, havíamos de reconhecer que a impressão que nesse momento nos feriu a retina jamais foi tão intensa—posto que, repetida todos os dias.

Livres! E esse grito foi unanime; sahiu de todas as boccas; foi acompanhado pelo applauso alegre de todos os corações portuguezes!

... Que eu não sei que gloria é esta de possuirmos um dos mais pequenos mas o mais bonito torrão do mundo—este abençoado reino de Portugal!

Coimbra, 26—11—902.

Ladislau Patricio



OS DE HONTEM E OS DE HOJE



D'antes quando os homens eram validos, quando elles faziam uso da palavra, tanto como da espada—a consagração d'um feito glorioso assumia o maximo do patriotismo.

Eram os portuguezes—com uma alma de prata e um character limpido, mas austero—os primeiros a levantar o brado da sua independencia.

Eram os homens de hontem, a ala dos namorados de Aljubarrota, os de 1640 e os de 1820.

Os de hoje são estes, para quem o sentimento da Patria representa uma banalidade, e que se não manifestam ou por ignorarem a sua historia, ou porque talvez ainda lhes gire nas veias algum sangue de renegado.

Commemorar este facto, é uma divida sagrada, que temos a saldar com essas figuras épicas.

E' mostrar ao mundo—quando os Francezes são batidos em Madagascar, quando a Italia retira

da Abyssinia, a Hespanha debanda ante o Cubano, e a Inglaterra vê calcado o seu ultimo orgulho nos campos Africanos—que ainda somos grandes.

E' mostrar-lhe, lá ao longe, no recondito do sertão, minados pela sêde, enfraquecidos pela febre, esse pequeno grupo de heroes, empenhados n'uma lucta titanica, alevantarem tão alto as nossas quinas nos combates de Marracuene e Coel-lela.

E' dizer-lhe que ainda somos portuguezes, que no peito nos pulsa o mesmo coração e que tambem ainda nos corre nas veias o mesmo sangue.

Por isto, é que se deve commemorar um facto.

E' a vós, aos homens d'amanhã, á mocidade de hoje, ainda simples, crente e sincera, é que nos compete esta tarefa, porque é em vós que a patria encontra sempre uma defeza, leal e desintere-sada.

Avante, pois!...

De frente erguida e rosto sereno, caminhae no ideal do supremo bem, que os vossos camara-das d'aqui vos saudam e agradecem.

Coimbra, 20—11—902.

Maquell Novaes



Post pluviam sol lucet



N'um dia destinado pela Providencia, um novo sol despontou luminoso além no horisonte.

A terra viu-o, ficou deslumbrada ante o seu brilho fascinador e acatou-o reverentemente.

Esse doirado sol caminhou..., caminhou no espaço.

Seus raios atraíram de dia para dia jorros brilhantes de fecunda luz. Tornou-se colossal esse gigante.

Dardejou por sobre os arraiaes arabescos do Salado, reflexos esplendorosos, incidiu-os sobre Aljubarrota e estendeu-os até ás mais remotas paragens.

Depois que no apogeo do extenso dia teu nome souo além do Ganges, ó patria,—sol doirado da minha escassa fantasia—depois que o sangue dos teus heroes banhou as areias indianas e implantaste orgulhosa e triumphante n'essas plagas escabrosas a árvore frondejante da religiã, vieste finalmente declinar em Alcacer-kibir exanime, desfallecida, prostrada pelas fadigas.

Ao dia succedeu noite cerrada e caliginosa.

Sessenta annos foram para ti, Portugal querido, sessenta seculos pesados de ignominiosa escravidão.

Mas, passados elles, acordas por um momento em angustioso escabujar, alcançando a liberdade, conseguida n'um sublime esforço de desespero.

Esta a data gloriosa, o dia primeiro de dezembro de 1640, que hoje mais uma vez commemoramos jubilosos.

Sympathicos jovens, vós, em cujos peitos ferilha mais ardentemente o puro amor da patria, vós, a quem de um modo mais particular se devem os humildes, mas entusiastas e significativos festejos, que n'este dia resoam debaixo d'este limpido ceo, esforçae-vos por imitar as glorias de vossos maiores e por levantar a vossa patria do tetrico lethargo em que jaz apodrecida.

A'vante pois e não trepidar!

Desvelae-vos por ella, que em vós deposita as suas esperanças; não receeis escolhos, não vos poupeis a sacrificios, quando se trata d'uma causa tão digna e santa—**a resurreição da patria.**

23—11—902.

Ferreira Braga.

José Caldas

D'este illustre escriptor, um dos mais talentosos publicistas do nosso paiz, recebemos a seguinte carta:

... Snr.:

Ter-me-hia sido n'este momento muito agradavel poder corresponder, de algum modo, á captivante deferencia de V. ..., pedindo-me para collaborar n'um jornal, que a Academia Barcellense pretende publicar no proximo dia 1.º de Dezembro, como protesto de adhesão moral ao facto historico que essa data commemora. Infelizmente é-me, por agora, impossivel. Ando empenhado n'um trabalho, que não me permite distracções de nenhuma especie. Além d'isso aquella data não me é sympathica, não tanto pelo arranque patriotico, por certo, que ella accorda, mas pelas tristes consequencias que trouxe consigo. Sahirmcs, a em-purrões da politica francêza, para fóra do dominio hespanhol, para nos constituirmos prêsa, e prêsa vil, dos inglezes, parece-me que é mizeria de mais para que se celebre com letras e cantares.

De resto, para mancêbos, não ha outra data a lembrar senão o glorioso dia 24 de Agosto de 1820. Isso sim. Tudo mais, não passa de meros episodios monarchicos. O futuro encarregou-se de mostrar-lhes a inconsequencia. O povo não tem outro feito a dever festejar; e desde que, como se vê, não ha povo, o melhor é não se fazer nada, visto que tudo quanto se fi-

zer, desde que não sejam bugigangas, nem a policia nem a Ordem o consentirão.

Desculpe-me V. ... e apresente os meus respeitcos cumprimentos a todos os seus illustres camaradas.

De V. etc.

Porto, 21—11—902.

José Caldas

PORTUGAL ANTIGO E O D'HOJE

MAIS um anno que volve sobre a data d'um feito d'alevantado civismo. Legado de seculos, recordamol-a hoje como de poucos annos. Era preciso que tivesse a estatura d'uma esphinge para perdurar e impôr-se, assim, atravez do tempo, á veneração d'um povo. E teve-a, como muitos outros factos da nossa historia, que hoje mais nos parece uma lenda do que a realidade pelo que encerra de grandioso e estupendo.

Que ha-de fazer um povo, como nós, decadente, sem força, sem credito, levado á borda do abysmo pela inconsequencia dos seus governantes e pela propria negligencia?

Deve recordar o seu passado, sendo elle glorioso como o nosso, ler na historia as paginas dos tempos em que os reis iam atravez dos mares procurar o campo de batalha, atacar as muralhas inimigas e deixar, até, seus filhos prisioneiros. Em que os portuguezes, combatendo os perigos e as crenças do tempo, iam descobrir terras e fundar colonias.

Em que os portuguezes se esforçaram sempre por guardar a independencia d'este torrão, que tanto custou alcançar em Ourique, defender em Aljubarrota e restaurar em 1640.

Ah! Mas hoje tambem temos reis!... Reis que vão para Paris, compram automoveis, mostram nos clubs a sua pericia de caçadores, atiram ás perdizes dos duques amigos e deixam por lá o nosso dinheiro. E portuguezes!... Portuguezes que são almirantes, generaes, funcionarios sem repartição, empregados publicos reformados aos 30 annos, secretarios de embaixada, ministros, etc., etc.

O confronto traz ao nosso espirito a funda tristeza da mais dura realidade!

E' para pôr termo a este fátuo esplendor superficial e verdadeira miseria interna, que róem as entranhas d'uma nação, que o povo portuguez deve ensinar a seus filhos as lições da historia d'alguns seculos, para despertar-lhes no coração os sentimentos do amor patrio, do pundonor e do dever que tanto caracterisavam os nossos antepassados. De modo que elles um dia, conscios do

papel que lhes cabe nos destinos da patria, levantem um facho que lhe allumie o futuro e lhe digam que é tempo de caminhar para o progresso e para a liberdade!

Por isso, torna-se digna do maior applauso a briosa commissão que, concorrendo para este fim, levanta uma hosanna pela nossa independencia e presta a homenagem devida aos portuguezes de 1640.

Salvé! data memoranda que nos trazes a recordação de tantos seculos cheios de gloria!

Coimbra, 23—11—902.

Miguel Fonseca



O 1.º DE DEZEMBRO DE 1640



Solicitado pela sympathica commissão de alumnos do Collegio de Santo Antonio, que se propoz celebrar o anniversario da memoravel data do 1.º de Dezembro de 1640, não pude deixar de acce-der, congratulando-me por tal motivo.

E' devêras louvavel e patriótica a ideia da briosa commissão.

A data do 1.º de Dezembro é immorredoi- ra no coração de todos os portuguezes.

Recorda-nos uma das mais potentes affirmações de vitalidade do povo portuguez, e mostranos de quanto elle é capaz em prol da sua liberdade e da sua independencia, ainda que aniquilado por longo captivoiro.

«Toda a acção provoca uma reacção». E' uma lei natural. A tyrannia quanto mais feroz fôr, maior será o sentimento de revolta que desper- tará.

A revolução depura a alma d'uma nação e vivifica-a. E' n'estas occasiões que muitos homens, cujo caracter patriota e altivo permanecia no olvido e no incognoscimento, patenteiam as suas qualidades de heroismo e dedicação á causa da Patria.

Se uma serie de factos, que seria longo e escusado enumerar aqui, se não tivessem produzido e não tivessem preparado as condições do meio ambiente para a revolução de 1640, o patriótico civismo de João Pinto Ribeiro e seus companheiros seria desconhecido por todos.

Se o grito de revolta levantado em Lisboa se não tivesse repercutido em todo o paiz e não tivesse acordado a alma portugueza da lethargia profunda em que o jugo hespanhol a lançara: Philippa de Vilhena, a mãe patriota, não teria tido occasião de nos mostrar que, como mulher portugueza, amara mais a sua Patria que aos seus filhos.

A revolução depura, disse. E em 1640 temos a prova d'esta asserção.

Sem a revolução, a traição de Miguel de Vasconcellos não teria sido punida, e da sociedade portugueza não teria sido eliminado esse matricida porque mais repugnante e mais criminoso que o matricida é aquelle que attenta contra a vida da mãe-Patria.

Como portuguezes devemos recordar com orgulho este facto memoravel da nossa historia.

Recordemo-lo com enthusiasmo e tomemos o exemplo alevantado dos heroes de 1640.

E' preciso que o povo portuguez saia d'esta atonia que pode parecer symptoma de enfraquecimento e decadencia.

Recordar as glorias passadas, não como um sonho longuinho, mas sim como exemplo a seguir hoje.

O seculo XX não é o seculo XVII.

Hoje, mais que nunca, devemos empregar todos os meios ao nosso alcance, não olhando a sacrificios, para mantermos o brilho do nosso nome, outr'ora respeitado e temido, e hoje...

Valorosa e desgraçada nação!

J. G. Paes de Villas-Boas



PREITO OU LUCTO?

Num frémto de vida—a juventude,
—aquece-a o ignoto sol das illusões!—
vái nas cinzas depôr d'um athau le
um bouquet de ferventes ovações.

Esses restos, que os vermes não consómem,
são restos de valentes... mas perliol...
p'ra que festas,—que presto as auras sómem—,
quando está morta e pô-lre uma nação?

Portugal o que é hoje?... —um esquelêto,
phantasma, mitho do que fôra já!
Recórdar um passado alma e dilecto
ao doente que estrebucha?... não é má!..

Oh! Jovens! com franqueza, tenho tédio!
perdoai-me esta mágoa, estes ais...
e em vez de himnos entoai um epicédio.
O moribundo exhausto não quer mais!

23—XI—1902.

Sousa Martins



SURREXIT!



Portugal, esta nação que cinge na fronte altiva uma corôa de tantas glorias e que chegou a empunhar o sceptro de rainha do occidente, tem uma historia em cujas paginas fulguram factos colossaes, victorias, trofeos admiraveis, ganhos á custa de muito heroismo e de muito sangue.

As nações do mundo curvaram-se reverentes perante as façanhas audaciosas da nos-

sa patria. O oceano, submisso, beijou-lhe os herculeos pés. Os continentes longinquos aproximaram-se e abriram-lhe as portas, e o nosso pendão — symbolo do mais sagrado ideal—hasteou-se, coberto de gloria, nas terras alem-mar.

Mas um dia—dia de lucto, dia que a historia ainda hoje nos aponta com lagrimas—, Portugal adormeceu e acordou prisioneiro! E o mundo inteiro viu, com espanto, ultrajada por mil vilipendios crimosos, esta bandeira gloriosa a cuja sombra se desafiaram os bríos de milhares de combatentes e que ondeou, triumphante, em Ourique e Aljubarrota

O coração portuguez arfava debaixo d'um peso insupportavel; gemia opprimido por tanto despotismo. Mas não era um cadaver que resvalava n'um sepulchro; era um heroe que adormecera no leito, cansado de muitas luctas e vergado ao peso de muitos loiros. Em seu coração esmagado fervia o amor da independencia e do seu peito de gigante rebentaram golfadas de patriotismo. Não pôde soffrer as algemas estranhas um povo que tem força bastante para possuir um codigo e um rei! O luctador acordou, olhou com desdem para a nação fratricida, quebrou as gargalheiras selvagens que lhe arroxavam os pulsos—reconquistou a sua independencia:

Surrexit.

Padre Joaquim Miranda



1.º de Dezembro de 1640



Do nosso amigo e illustrado professor do Collegio de Santo Antonio, snr. Manoel José Nunes Pereira, recebemos a carta que a seguir publicamos, como resposta ao nosso pedido de collaboração para este numero.

Meus amigos

O vosso penhorante convite para collaborar n'um numero commemorativo da data historica 1.º de dezembro, suggeriu-me a ideia de evocar o espirito da figura mais sympathica da conjuração de 1640—João Pinto Ribeiro—porque era o representante da plebe, e a plebe não tinha vendido a Patria. Os Vasconcellos e Christovãos de Moura pertenciam a outra classe.

Mas... deixemo'-nos de considerações historicas. Ouçamos o espirito do grande patriota:

—Meu velho! que devemos pensar do movimento de 1640?

Depois de alguma hesitação:

—Posso falar? Não está ahí o Veiga?

—Que Veiga?

—O da policia...

—Não.

—Então, lá vae. Foi uma tolice...

—Uma tolice?!

—Sim, e das reverendissimas...

—Porquê?

—Por causa do «outro»...

—Por causa do outro?

—Sim, homem; (*mal humorado*): o poltrão...

—A culpa foi vossa. Para que o escolheram?

—Foram coisas do Sanches de Baena e dos Almadas. Eu queria... Está ahí o Veiga?

—Bem, bem, basta. Já entendi. Que fazias hoje dadas as mesmas circumstancias?

—Dava a chefia ao Franco e contentava-me com um talhersito á mesa do orçamento, mandando para o diabo o patriotismo, mais os quarenta companheiros, e... adeusinho...!

E safou-se, não sendo possivel obter d'elle nem mais uma resposta. Fiquei com pena pois desejava que elle consultasse o velho padre-mestre Antonio Vieira acerca de numeros unicos.

Para outra vez será.

Vosso amigo

M. J. Nunes Pereira.



HISTORIA TRISTE



Na primeira metade do seculo XVII, vivia nesta encantadora villa de Barcellos uma antiga e respeitavel familia, que dispunha de muitos meios de fortuna e possuia um dos appellidos mais nobres de Portugal.

Era seu chefe Balthazar Cicio de Barcellos Cogominho, casado com D. Gracia de Mattos de Faria, de cuja união nasceram, alem de duas filhas que haviam professado num convento de Olivença, mais os filhos seguintes:

D. Fr. Francisco de Faria, bispo de Martyria e coadjutor do arcebispo de Braga, D. Sebastião de Mattos de Noronha, nomeado por Philippe III e confirmado pelo papa Urbano VIII, em 1639.

André de Faria de Mariz, abbade de S. Mamede de Arcozello, d'este concelho.

João de Faria Cogominho, conego mestre-eschola da Sé de Elvas.

Manuel de Faria, frade trino, e

Christovam Cogominho de Faria, commendador da ordem de Christo, conego arcypriste da Sé de Braga e guarda-mór do archivo nacional da Torre do Tombo.

Isto no anno de 1640.

Pela respeitabilidade do seu nome e principalmente pelos elevados cargos que alguns dos seus membros occupavam, era esta familia das mais consideradas não só em Barcellos como em toda a provincia.

Pode mesmo affirmar-se, sem sombra de exaggero, que, á data da nossa independencia, não podia ser mais florescente a sua situação.

Para isto não deveriam ter concorrido pouco as boas relações de amizade e parentesco em que estava com o arcebispo de Braga, D. Sebastião de Noronha, que ao tempo gosava de grande influencia e valimento nas côrtes de Lisboa e Madrid; e foi sem duvida á protecção d'este poderoso prelado, que o bispo de Martyria e seus irmãos deveram, em grande parte, a elevada posição social que desfructavam.

Mas, como vamos vêr, foram precisamente essas relações com o arcebispo que, afinal, cavaram a ruina d'esta familia.

D. Sebastião de Mattos de Noronha foi, como todos sabem, um devotadissimo partidario de Philippe de Castella, a quem devia, entre outros beneficios, o bispado d'Elvas e, depois, em 1635, a sua transferencia para a diocese de Braga, tendo nascido em Madrid a 21 de dezembro de 1585.

Natural era, pois, que o arcebispo, já então nomeado presidente do paço, ultima graça concedida pelo Philippe, não visse com bons olhos a revolução que para sempre expulsava do throno portuguez os intrusos reis castelhanos; mas, não tendo podido evitá-la, nem mesmo oppôr-se-lhe, entendeu que o mais prudente seria aceitar os factos consummados, simulando uma resignação que estava muito longe de sentir.

Assim fez o astuto primaz; e tão habilmente se houve que, logo depois da revolução, foi, conjunctamente com o arcebispo de Lisboa e o visconde D. Lourenço de Lima, nomeado governador do reino, enquanto D. João IV não chegava de Villa Viçosa a Lisboa.

Não pôde, todavia, sustentar-se por muito tempo neste difficil papel o ambicioso prelado bracarense; porque, não lhe soffrendo o animo irrequieto nem a sua muita affeição a Castella que Philippe IV estivesse por mais tempo privado da corôa portuguesa, bem depressa urdiu uma terrivel conjuração, cujo fim era assassinar el-rei D. João IV e restituir Portugal ao rei castelhano.

A providencia, porem, que sempre patrocinou os bons empreendimentos dos nossos avós, não permittiu que tão audacioso plano tivesse execução e fez que fosse descoberta a conspiração e presos os conspiradores.

Entre estes vemos, além de muitas pessoas da mais qualificada nobreza de Portugal, como o duque de Caminha, o marquez de Villa Real, os condes de Val de Reys, de Armamar e outros, o nosso infeliz patriota bispo de Martyria e seu irmão Christovam Cogominho, que, mas talvez por dedicação ao seu parente e amigo do que mesmo por convicção politica, haviam esquecido os seus deveres de leaes portuguezes, tornando-se cúmplices dos que defendiam a causa do usurpador.

O arcebispo de Braga é preso nos carcereos do Forte do Paço, passando depois para a torre de Belem e, finalmente, para a de S. Julião da Barra, onde falleceu em 1641, tão contricto dos seus erros que mandou que o sepultassem no adro de qualquer egreja, e lhe pozessem uma canpa razea, por que não fizesse memoria do que foi.

O bispo de Martyria, sendo preso na estrada de Coimbra a Braga, para onde se dirigia, fugindo, talvez, á tormenta que presentira, foi levado para a torre de Belem, onde esteve muitos annos, e tendo sido mudado para o convento de S. Vicente de Fóra, ahí acabou a vida.

Christovam Cogominho foi encarcerado no Limoeiro e, depois de julgado, conlemnado a morrer enforcado; mas, tendo ordens menores, foi por este motivo remetido ao Juizo Ecclesiastico, depois á Mesa da Consciencia, que, havendo-lhe por derogados os privilegios, mandou que se cumprisse a pena, o que teve logar em frente do Limoeiro, no dia 9 de setembro de 1641.

Assim acabaram, e bem tristemente, as duas vergontes mais esperanças dos Cogominhos de Barcellos.

De Manoel de Faria—o frade trino—nada conseguimos averiguar ao certo: é provavel que se finasse no mosteiro da sua ordem, talvez esquecido dos homens, mas não sem ter vertido lagrimas pungentissimas pelo fim tragico de seus desditosos irmãos.

Finalmente, quanto a João e André de Faria, sabemos que tambem não foram de todo alheios á lucta então travada entre os partidarios de el-rei D. João IV e os de Philippe de Castella, confirmando, mais uma vez,

..... dos Portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes.

Quando a Barcellos chegou a noticia da revolução feita em Lisboa pelos ousa los filiaços da conjuração, os barcellenses trataram immediatamente de acclamar o duque de Bragança, tambem conde e duque de Barcellos.

A' frente d'este movimento collocaram se Francisco de Gouvêa e Menjanha e o seu parente Francisco Pinheiro de Gouvêa Ferraz, que no posto de capitão dos terços de Barcellos e, depois, no de mestre de campo de auxiliares, militou no Alto Minho e em Galliza, sendo um brioso e valente militar, como refere o conde da Ericeira no seu Portugal Restaurado.

João e André de Faria de Mariz, porem, acaudilhando um pequeno grupo de maus portuguezes, tentaram oppôr-se á patriótica obra da revolução e, contrariando o generoso impulso dos seus conterraneos, deram causa a sangrentas luctas, de que sahiram tão compromettidos que tiveram de expatriar-se.

Foram tantos e taes os serviços que os barcellenses então prestaram á gloriosa causa da restauração, que el-rei D. João IV não pôde resistir ao desejo de publicamente lh'os agradecer em carta que dirigiu á camara de Barcellos, em 4 de fevereiro de 1641.

Balthazar Cicio Cogominho, o desventurado chefe d'esta familia, que um vento de desgraça espalhou pelo patibulo, pelos carcereos e pelo exilio, velho, alquebrado, vergado ao peso dos annos e ainda mais á dôr enorme de vêr perdidos todos os seus filhos, succumbiu, afinal, n'esta villa, e jaz na capella-mór da Collegiada, na sepultura de seus paes, que era a que ficava do lado da epistola e junto do arco cruzeiro, onde, por baixo dos brazões dos Cogominhos e Pintos, se lia o seguinte epitaphio:

SEPULTURA DE BALTHAZAR DE BARCELLOS COGOMINHO, CAVALLEIRO-FIDALGO DA CASA DE EL-REI D. JOÃO 3.º, E DE SUA MULHER CATHARINA PINTO

22—XI—902.

A. Ferraz

I—XII—MDCXL

Salvé, ideia nova, que vaes
caminhandol

Silva Gago.

É dever de todo o bom portuguez commemorar uma data, que uma nação inteira respeita e solemnisa, pela abnegação á Patria que albergavam os corações dos revoltosos d'esse dia, em que mais um grande feito de heroismo se registava na **Historia da velha patria dos Albuquerquees.**

A figura gigantesca e altiva de Portugal erguia-se por entre a turba dos traidores e proclamava bem alto a sua **Liberdade**, morta com o nosso grande Camões em 1580.

Era a Resurreição da Patria com a Liberdade, conquistada pelo amor patrio d'esses conspiradores, que sentiam em si a força prodigiosa d'uma vontade irresistivel, que os impellia para a lucta e até p'ra morte pela Liberdade do seu paiz.

Decorridos são 262 annos e nós ainda recordamos nostalgicamente essa gloriosa data, com veneração pelos Martyres da Liberdade e Heroes da Patria!

Quarenta homens, conseguindo revolucionar um povo inteiro, conquistaram pelas armas a Liberdade que nos legaram!

Tal era a abnegação e idolatria que pela Patria nutriam esses heroes!

Commemoremos uma data que nos relembra a Restauração da Liberdade!

Homenagem aos herces de 1640!

Viva a Patria!

Barcellos, 23—11—902.

Jllydio Nunes.

Salvè

*D'entre a serie de feitos grandiosos,
Que a gente portugueza nos legou;
D'entre os heroes antigos, valorosos,
Que a historia em oiro os nomes lhes gravou;*

*Surge mil e seis centos e quarenta,
A façanha audaz dos conjurados;
Surgem os bravos lusos denodados,
Que á patria o jugo estranho lhe afugenta.*

*Ardendo em patriotismo na pendencia,
Os leaes portuguezes palpitantes,
Quebram grillhões nefandos, aviltantes
E dão ao seu paiz a independencia.*

*Solemne esforço, abençoado feito,
Que a Portugal refez a autonomia;
Libertadora aurora de alegria:
Eu te saúdo do mais imo peito!*

Barcellos

Antonio de Azevedo



Considerações



A Historia, no seu minucioso pesquisar, mostra-nos a poderosa influencia que o caracter do chefe d'uma nação, dos seus governantes, ou ainda das suas classes mais elevadas, exercem nos destinos e feição do povo a que pertencem. Vemos na historia antiga os reinos dividirem-se e formarem verdadeiras tribus errantes, influenciados, quasi magneticamente, pelo genio aventureiro dos seus monarchas. Vemos na historia moderna a Inglaterra passar em 1655 por uma das suas mais brilhantes phases, sob o protectorado republicano de Cromwel, e a França atravessar uma epocha de militarismo agudo e guerras successivas no tempo de Napoleão Bonaparte. Nos nossos dias, vemos a Allemanha prosperando e desenvolvendo a sua civilisação com uma rapidez espantosa, hontem sob a ferreadirecção do chancelier Bismarck, e hoje guiada pela vontade firme e energica do seu imperador—embora norteadada por sentimentos despoticos e iniquos; vemos a Inglaterra tornar-se grande e poderosa, governada pelo espirito frio, mas pratico e emprehendedor dos seus estadistas; vemos a autocrata Russia com o seu progresso retardado por essas sangui-nolentas luctas que diariamente se operam no seu interior, causadas pelas barbaras e crueis violencias mandadas executar pelos conselheiros

do czar—um animo fraco, receoso, com a constante monomania da mais feroz perseguição. Temos o exemplo frisante de Portugal e Hespanha collocadas no rol das nações moribundas pelo ministro inglez, a primeira que por desgraça tem os seus homens publicos com a austeridade e sabedoria que todos nós sabemos, e a segunda, tendo sentada no seu throno, ainda ha pouco, uma mulher fraca e inexperiente, e hoje, um mancebo de uma debil constituição phisica, que tem de viver com os resguardos d'um convalescente para que se não realizem os vaticinios terroristas dos medicos do paço. E assim successivamente, em quasi todos os povos e nações.

Não admira, por isto, que Portugal, dominado nos principios do seculo XV pela sciencia e arrosjos nauticos do Infante D. Henrique e seus discipulos e pelo audacioso e intrepido animo de Gama e Albuquerque, fosse antigamente um conquistador audaz e um invencivel guerreiro. Ha factos na historia portugueza que mais parecem lendas de historiadores phantasticos do que meras verdades transmittidas ao nosso seculo pela escrupulosa penna de escriptores honestos.

Quantas vezes estes nos narram combates de incriveis desproporções: occasiões houve em que eramos um portuguez para cem inimigos!

E no fim da batalha, depois de muitas horas de combate incessante sob o fogo acceso das baterias inimigas, lá era collocada no campo da lucta, como o mais significativo signal de victoria, a sagrada bandeira portugueza, tremulando pelos ares, como que incutindo animo e coragem aos seus valorosos defensores! Eramos assim, nós, os portuguezes d'aquelle tempo! Não combatiamos apenas pelo desejo de saciar a nossa ancia de batalhadores indomaveis. Abrigavamos em nosso peito um sentimento mais elevado, que nos levava a praticar taes heroismos: o amor da Patria!—não este banal amor patrio dos nossos dias, rhetorico e declamador, que em 1890 collocou crepes no busto de Camões e que assiste impassivel á medonha derrocada moral que vimos soffrendo, mas outro mais puro, mais sincero, que só elles—os heroes d'aquelle tempo—sabiam sentir e comprehender! Dantes, quando assim eramos, luctavamos pelo amor da Patria. Hoje, lucta-se por amor proprio—para que os heroes d'este ou d'aquelle combate figurem pomposos nas columnas dos jornaes diarios, com grossos caracteres normandos a encimar-lhes o busto donarrosol!

E depois não é só isto: é-se condecorado com commendas, habitos, grã-cruzes—todo um charivari de medalhas elegantes que dão ao nosso peito o pomposo aspecto d'uma iriada exposição de quinquilherias furta-côres!

Por isto, desde que é de tão grandes proporções a essencial differença que existe no amor patrio dos portuguezes de ha cinco seculos, d'aquelle mesmo sentimento dos degenerados portuguezes d'hoje, mais justo é que se prestem áquelles heroes que antigamente tão alto levanta-

ram o nosso nome, as homenagens que merecem os seus heroicos feitos.

O 1.º de dezembro de 1640 é uma das mais gloriosas datas de que se orgulha a historia portugueza. Recorda-nos á mente, que n'esse tempo ainda havia portuguezes que sentiam na sua alma aquelle sagrado amor patrio que levou Vasco da Gama ás inhospitas regiões da India e inspirou a Luiz de Camões as epicas paginas dos immortaes «Lusiadas»! Foram tristes, bem o reconheço, as desgraçadas consequencias que mais tarde nos resultaram da aclamação do duque de Bragança para chefe da nação. Mas, necessariamente, que os heroes de 1640 não podiam prever a lastimosa descendencia que o ramo brigantino daria a Portugal. Deram-nos a patria livre e independente: fizeram a sua obrigação. Façamos nós a nossa.

Combateram 28 annos successivos, sempre com o mesmo ardor, repellindo hoje, os inimigos n'um assalto, vencendo amanhã uma escaramuça; hoje, assaltando victoriosamente uma fortaleza e amanhã derrotando os inimigos no campo de batalha! E assim continuamente durante 28 annos.

E nós, um povo pequeno, depauperados por 60 annos de dominio filippino, quasi sem exercito, sem recursos, vencemos uma nação forte, poderosa, como era a Hespanha em 1640—por essa occasião, uma das maiores nações do mundo! Era preciso que aquelles nossos antepassados tivessem bem radicado na alma um profundo amor pela terra que os viu nascer, para que assim conseguissem tão bellos e patrioticos prodigios! Se assim não fosse, faziam como os Mouras e Vasconcellos, e sob o dominio castelhano poderiam usufruir as mais rendosas posições e viverem cheios de vãs honrarias, embora maculadas pelo eterno opprobrio de conseguidas á custa da traição á Patria! Mas não. Preferiram lançar-se n'uma lucta arriscada, para nos legarem a Patria livre, independente. Fizeram a sua obrigação: façamos nós a nossa.

Hoje, os tempos são outros. Nos tres seculos que nos separam da Restauração muito tem avançado o espirito humano e muitas transformações sociaes se tem operado.

Já não ha conquistas a fazer nem terras a descobrir. São d'outra especie as conquistas e as descobertas dos nossos dias.

Conquistas—fazem-se no campo da dignidade e do trabalho, onde se consegue um glorioso galardão: a honra. E' este o pergaminho dos nossos tempos.

Descobertas—fal-as a Sciencia, verdadeiramente grandes e assombrosas!

Caminhemos, pois, pela estrada que a evolução social nos indica e teremos assim cumprido as obrigações que devemos ao heroismo de nossos avós!

Barcellos, 24—11—902.

Herculano Nunes.

BEM HAJAS, MOCIDADE!

Ha tres seculos já, na feira das nações
Andava um castelhano, ignobil domador,
A mostrar um leão, captivo, sem valor,
Ao espantado olhar das grandes multidões.

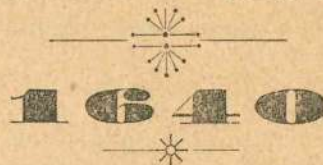
Um dia, esse leão, rugindo com furor,
Encrespa a juba e arqueia o dorso em convulsões;
Despedaça n'um salto os ferros dos grilhões,
Derruba o hespanhol tomado de terror...

E a ardente mocidade, em cada novo anno,
Festeja a expulsão do intruso castelhano;
Enflora esse pa-brão da mais fulgente gloria

Erguido por heróes na lusitana historia.
—Bem hajas, mocidade!—E' a festa nacional.
—Viva a restauração! e viva Portugal!—

Barcellos, 25—XI—02

Arthur de Esmeriz.



Eis um anniversario que devera ser todo de gala, todo de festa, de regosijo saído expontaneamente de nossos corações, orgulhosos de nascerem e de morrerem portuguezes, sinceramente agradecidos áquelles que, com sacrificio da propria vida, nos legaram o que hoje ainda possuímos.

Mas como enthusiasmar-se espontanea e generosamente, por manifestações de amor patrio, o povo que, de braços cruzados, tem assistido e assiste, criminosamente indifferente, ao anniquilamento e alienação, a laigos traços, da patria que o perfilhou?!

As frias manifestações de hoje não podem, pois, ser nascidas naturalmente de nossas almas generosas para com os libertadores da nossa infeliz patria, novamente condemnada a viver sob o jugo estrangeiro, mas visivelmente ficticias e como que a illudir-nos a nós mesmos...

E, com effeito, se estas manifestações fossem produzidas em nós, a serio, inevitavelmente, n'este momento tão solemne, nós pesariamos os acontecimentos e confrontariamos o presente com o passado e, como o ribombar do trovão, de todos os nossos peitos, sairia, unisono e retumbante de indignação e de colera, o grito de:—*Basta!!!*...

Mas se alguma esperanza pode ainda existir é em vós, mocidade das escolas.

Para vós appellamos, pois não deve desaparecer a nação que tem tão grandiosa Historia!

Não vos deixeis, pois, dominar do tão criminoso indifferentismo—o *laissez faire, laissez passer* d'este povo tão descrente porque desconhece a força de que dispõe..

Provae que em vossas veias circulam ainda globulos de sangue dos antigos portuguezes e demonstraes que poder é querer.

Alves de Faria

Reminiscencia

Que grandeza de almas e que almas de patriotas!

A radiante e sublimada figura da Patria, adormecida na placida quietude d'uma negligencia covarde, sonhava... sonhava, enlevadamente, evocando glorias passadas, com o agitar tetrico, vaidosamente guerreiro, de glorias futuras, n'uma ephemera illusão que se esvaia, pondo os olhos sombrios, ao angustioso acordar, sobre os grilhões medonhos e pesados, negros e vergonhosos, fortes e inespedaçaveis, que lhe amarravam traiçoeiramente os intrepidos braços de gigantesco colosso.

Contraheia-se nervosamente, tinha accessos de raiva, convulsões de dôr, rugia, para adormecer de novo, no enlanguescimento instinctivo que lhe quebrava os nervos de pelejadora.

E tornava a sonhar com Albuquerque, Gamas e Almeidas, idos remotamente para os mysterios da Morte com os oulopes de grandeza que assombrara os mundos e a grandeza épica das victorias tradicionaes.

O despenhadeiro era terrivel, do bárathro largo e profundo, profundo e insondavel, para onde rolava inercialmente a linda velhinha, veneranda e augusta, no seu somno de abandonada, no acubrunhamento de vencida, aos empurrões da desgraça.

Alguns filhos tinha... porque os outros eram... renegados, descendentes espurios de nobreza prostituida, grandes pelos perguninhos voltuosos, pequenos, baixos, vis, pelos corações sedentos de ouro, desejosos de honrarias vãs.

Christovão de Moura, o mais nojento exemplar d'essa casta de fidalgos, foi infame e feliz. E a historia zurze-lhe o chicote da maldição em o nome enlameado.

João Pinto Ribeiro foi feliz e patriota. E a mesma historia tein para elle veneras, que saem da grande alma da massa popular.

Ao raiar de uma aurora, o povo emmudece de espanto e treme de vêr o arrojo terrivelmente grandioso de um punhado de homens.

Mas quando, sob o sol do outomno, tremula o pavilhão das quinas, tão branco e lindo, tão azul e formoso, no zimborio de Belem, a Patria levanta-se n'um movimento inandito, espedaça as cadeias e empunha o sceptro, sentindo effervescer o sangue rubro e agitar-se a alma n'um arrebatamento dos sentidos que a levou á liberdade.

E os nomes sacratissimos dos iniciadores d'essa obra monumental que nos faz hoje portuguezes, passam de geração para geração, como reliquias preciosas, como imagem fiel e viva d'un valor que jamais morrerá.

Que grandeza de almas e que almas de patriotas!...

Barcellos

Arthur Vieira

Carta

O sr. dr. Martins Lima, um talentoso clinico e um escriptor elegante e primoroso, enviou-nos a seguinte carta:

... Snr.

Tendo tido a honra de ser convidado por V. e outros academicos para collaborar em um numero unico commemorativo da data historica 1.º de dezembro, lamento não o poder fazer pelos muitos trabalhos profissionaes, bem que o meu escripto talvez discordasse da manifestação projectada por eu estar firmemente convencido de que Portugal nada lucrou com a aquisição dos Braganças, severa e justamente apreciada pelo ultimamente adulator monarchico Oliveira Martins.

Subcrevo-me com estima e consideração
Barcellos, 20—11—902.

De V. etc.

Antonio Martins de Sousa Lima.

PRO PATRIA!

Patria!...

Que nome tão suave, quando longe d'ella, n'uma evocação nostalgica, a murmuramos com a saudade incomparavel dos exilados.

E, depois, n'uma subita migração do espirito, como n'um diaphanorama immenso, surgem a casa onde nascemos, as arvores ajoujadas com fructos, os corregos balsaminados pelos montrastes, a collina visinha engrinaldada pelos pinheiraes.

E é n'essa abstracção profunda, em que não ha balizas para o pensamento, que nós só bem comprehendemos quanto o nosso coração estima o berço natal.

A patria, a familia, pedras angulares do edificio social, constituição fundamental de um principio de solidariedade, que vinca no nosso espirito os elementos do amor e do respeito!

Pro patria! Sempre este grito que retine como um clarim de guerra e que refulge como uma espada de fogo.

Pro patria! Oração de todos os dias, alento dulcissimo, hausto formidavel que atira

com o soldado d'encontro á metralha, beijando a bandeira e mordendo um cartucho!

Ter patria, é ter um lar, é ter familia, é ter orgulho.

Velemos, pois, por ella, já que n'esta data gloriosa alguns bravos portuguezes lhe redimiram, por sua acção heroica, a sombria vergonha dos tutelados.

Pela patria e pela familia!

1—12—902.

Arnaldo Braz.



1.º de Dezembro de 1640



Quando um povo, suggestionado pelas lições da sua historia, n'um arranque de desespero e n'uma commoção de heroismo,—que lhe é congenito,—quebra as algemas que lhe roxeiam os pulsos e sacode n'um impeto de bravura o jugo ignominioso que o opprime, este povo não pode morrer, porque a sua memoria passará sempre através os seculos, como sagrado penhor de uma eterna veneração!

E foi isto o que fizeram os nossos bravos antepassados no dia primeiro de dezembro de 1640. Se a lição aproveita a estranhos—porque demonstra um heroismo glorioso e um bello patriotismo,—muito mais deve interessar a nós, que vamos caminhando a passos agigantados para um abysmo irremediavel.

Imitemos, pois, o honrado exemplo de nossos avós, defendendo a Patria calorosamente—insuflando-lhe o maior alento e sacrificando por ella, até as nossas vidas, se preciso fôr!

Barcellos, novembro de 1902.

Antonio Fernando Miranda da Silva.



Saudação á Patria



Não podiam os sympathicos academicos—que constituem a commissão que se destina, no corrente anno, a commemorar a grandiosa jornada do Primeiro de Dezembro de 1640—dar mais bello exemplo de amor patrio do que tornar perduravel esse glorioso feito da nossa Independencia que ha 262 annos foi levado a cabo de um modo tão assombroso e que ainda hoje, se nos anteolha phantastico e verdadeiramente maravilhoso.

Como é que quarenta fidalgos com meia duzia de sacerdotés illustres e tão nobremente lembrados na historia, poderiam levar a fim tão grandiosa, tão extraordinaria e tão gloriosa empreza?

Francamente, por mais que rebusquemos a historia e consultemos os maiores historiadores, não podemos encontrar uma razão bastante para tão grande empreendimento com probabilidades de victoria, para tanto arrojo, tanto amor patrio e tão enorme abnegação.

Fez-se, no entanto, a revolução com uns quarenta homens illustres entrando n'ella dois jovens, armados guerreiros pe-

la sua mãe D. Marianna de Lencastre, Antonio e Fernão Telles que seguiram para a gloria aljofrados pelas lagrimas de sua mãe, combatendo com ardor e valentia pela santa Independencia, pelo alvorecer do 1.º de Dezembro de 1640, o dia mais assombrosamente glorioso, da nossa historia.

Duas creanças armadas para a defeza da Patria e um velho fidalgo, D. Miguel de Almeida soltando de uma janella dos paços dos Filippes o desejado pregão de: «Liberdade! Liberdade! Viva el-rei D. João IV!»

Confesso que ao reler a historia d'esse facto me sinto entusiasmado ao saber que duas creanças a que sua mãe tinha armado para a morte ou para gloria e um velho de barbas brancas como arminho, romperam donairosas as filas de tropas que faziam guarda ao *nosso ultimo rei hespanhol* e correspondiam briosamente e com toda a galhardia a tão alto como glorioso movimento.

Valentes, eu vos saúdo e, por vós, a mocidade das escolas, a alegria do presente, a esperanza do futuro e a sentinella sempre firme e vigilante em defeza da Independencia que vós, illustres e veneraveis valentes de 1640, nos legastes!

Bem haja, pois, a mocidade academica que tão galhardamente faz recordar o facto mais santo e respeitavel de uma nação—a sua Independencia!

N'outro paiz que não fosse o nosso—onde a maioria é de astutos especuladores para quem a patria não passa d'um cofre de usurario e muitas vezes criminosamente recheado de riqueza—o 1.º de Dezembro seria celebrado com o brilho e entusiasmo, só proprio de patriotas que não esquecem os feitos dos seus antepassados em lucta constante e tenaz pela sua patria que nol'a deixaram Independente!

Para concluir e não tomar mais espaço a outros collaboradores illustres que certamente têm os sympathicos collegias, transcrevo da historia do sr. Manoel Pinheiro Chagas a seguinte nota do vol. V a pg. 148, por onde se vê que até os ministros da Egreja não occultavam o seu desamor pelos reis hespanhoes que governaram Portugal:

«Estando o parcho da Sé, n'uma sexta-feira de quaresma, cantando uma missa, e passando por alto da collecta que o arcebispo de Lisboa lhe advertiu que devia dar, perguntou o cura alto e bom som ao diacono: «*Como se chama este demonio que temos aqui como rei?*» e respondendo-lhe o ministro «*Chama-se Philippe*» começou o parcho no mesmo tom *Et famulum tuum Philippum, Ducem Albacensem Rodericum Zapatum, coeterosque omnes diabolos, etc.* entre gargalhadas dos circumstantes.»

Quando ouvirem fallar em *uniões ibericas* e em dominios hespanhoes e diversos *migueis de Vasconcellos* que por ahi ha digam logo no gesto de S. Francisco... *et omnes diabolos!*

Amiguinhos com hespanhoes, enquanto se portarem dignos d'isso, mas negocios e patria muito áparte.

Sem feitiço para litteraturas, desculpem-me os academicos pelo espaço que lhes roubo e os leitores, que me lerem, o tempo que lhes tomei.

Pela Patria e pela familia, pela honra e pela verdade; pela justiça e pelo direito seja sempre esta legenda da nossa bandeira e o nosso brado:

Viva Portugal!

Barcellos, 21—11—902.

Pela redacção da «Folha da Manhã»

Albino Leite.



DE ALBERTO MALHEIRO

—Vamos saudar de pé a nossa Independencia!

De pé! e d'um só brado, e d'alma e consciencia
Um viva á Liberdade! e um viva a Portugal.

1874.

Quam dulcis est libertas



Ao ler o convite dos briosos academicos do Collegio de Santo Antonio o meu espirito reportou-se ao tempo em que eu era, como elles, estudante do curso secundario, e lembrei-me da fabula de Phedro que tem esta epigrapha.

Liberdade!.. palavra divina e santa!.. aspiração suprema de todo o homem!.. eu te saúdo!

Por vezes ouvi dizer que a conjuração de 1640 tornando Portugal novamente independente foi um mau passo politico, porque, se fizéssemos parte d'uma nação grande, não teríamos soffrido tantos revezes de fortuna, mas esses mesmos, que assim diziam, quando foi do celebre *ultimatum* de 11 de janeiro, berravam de indignação contra a Inglaterra.

As altas concepções da sua absurda theoria caíram então receiosas de ver a liberdade e independencia da querida patria quasi a desaparecer sob o jugo bretão, como durante 60 annos estivera á mercê dos castelhanos.

O 1.º dezembro de 1640 é para mim o dia de maior gloria da historia portugueza.

Avelino Ayres Duarte.

O 1.º DE DEZEMBRO DE 1640



Eis uma data gloriosa cujas fulgurações de heroismo scintillam ainda hoje em todos os peitos onde se abrigam uns restos de amor pelas glorias patrias!

Oh! gloriosos heroes!—peitos abertos aos grandes emprehendimentos—que tinheis a alma alumiada pela luz da mais bemdito crença, vultos veneraveis cercados d'uma esplendorosissima aureola de gloria, ainda hoje, nós, os descrentes, os egoistas, agrupados ao redor das vossas cinzas sempre quentes e emocionantes, as orvalhamos com o pranto da saudade e com as lagrimas de remorsos—saudade pelo que vós fostes e remorsos pelo que somos agora!

Oxalá que a recordação d'esta data memoravel desperte na alma de todos os portuguezes aquelles grandiosos sentimentos que outr'ora possuimos—e que nos fizeram grandes e respeitados!

Virgilio Esteves.

